RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

A ETNOCIÊNCIA EM QUESTÃO: UM PANORAMA DAS PESQUISAS A PARTIR DO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES

ETHNOSCIENCE IN QUESTION: AN OVERVIEW OF RESEARCH BASED ON THE CAPES THESES AND DISSERTATIONS CATALOG

Francisco Alex Oliveira Figueredo, Fabíola Aparecida Ferreira Damacena e Felipe Bittioli Rodrigues Gomes.

RESUMO
Neste artigo, tivemos o objetivo de analisar os principais aspectos tratados nas produções acadêmico-científicas sobre etnociência, que foram publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, sendo os dados analisados por meio da Análise de Conteúdo (AC). Os resultados revelam que as pesquisas analisadas privilegiam uma valorização epistemológica dos saberes tradicionais, visto que os compreende como sistemas legítimos e complexos e, por isso, há um questionamento da hegemonia da ciência ocidental, por haver um entendimento de uma coexistência de diferentes formas de conhecimentos, que devem ser interpretados em seus contextos próprios de produção. Outro aspecto importante nos estudos é a estreita relação entre etnociência e meio ambiente, sendo evidenciada as contribuições dos conhecimentos tradicionais para práticas sustentáveis e ecológicas. No campo da educação, se sobressai a proposta de integração entre os saberes tradicionais e o ensino formal, dando-se uma ênfase à interdisciplinaridade, à educação intercultural, à formação docente e à produção de materiais didáticos contextualizados, embora persistam desafios como limitações curriculares e ausência de políticas públicas efetivas. Além disso, identificamos uma preocupação com a preservação desses saberes mediante a modernização e globalização, sendo propostas como estratégias a documentação e fortalecimento com participação comunitária. Concluímos, portanto, que o campo da etnociência avançou significativamente em termos teóricos e em termos de compromisso com a justiça epistemológica, porém, permanecem os desafios relacionados à prática, à formação docente e à solidificação de políticas públicas eficientes.
Palavras-chave: Etnociência; Saberes tradicionais; Educação.

ABSTRACT
In this article, we aimed to analyze the main aspects addressed in academic and scientific productions on ethnoscience published in the CAPES Theses and Dissertations Catalog. To this end, we conducted a bibliographic study with a qualitative approach, and the data were analyzed using Content Analysis. The results reveal that the analyzed studies prioritize an epistemological appreciation of traditional knowledge, as they understand it as legitimate and complex systems. Consequently, there is a questioning of the hegemony of Western science, based on the recognition of the coexistence of different forms of knowledge, which must be interpreted within their own contexts of production. Another important aspect highlighted in the studies is the close relationship between ethnoscience and the environment, emphasizing the contributions of traditional knowledge to sustainable and ecological practices. In the field of education, there is a strong emphasis on the integration of traditional knowledge with formal education, highlighting interdisciplinarity, intercultural education, teacher training, and the development of context-based teaching materials, although challenges persist, such as rigid curricula and the lack of effective public policies. Furthermore, we identified a concern with the preservation of this knowledge in the face of modernization and globalization, with strategies such as documentation and strengthening through community participation being proposed. We therefore conclude that the field of ethnoscience has advanced significantly in theoretical terms and in its commitment to epistemological justice; however, challenges remain regarding practical implementation, teacher training, and the consolidation of effective public policies.
Keywords: Ethnoscience; Traditional knowledge; Education.

Data de recebimento: 30/05/2026.
Aceito para publicação: 25/08/2026.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, tivemos como objeto de análise as pesquisas sobre etnociência, que foram publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Sabe-se que, ao longo da História da Educação, o Ensino de Ciências foi estruturado sob bases epistemológicas marcadamente eurocêntricas, privilegiando matrizes de conhecimento oriundas da tradição científica ocidental. Essa hegemonia contribuiu para a marginalização e invisibilização de outros modos de compreender e explicar o mundo, especialmente aqueles produzidos por comunidades tradicionais e povos originários, cujos saberes constituem sistemas próprios de interpretação da natureza, da vida e das relações sociais (Diegues; Arruda, 2001).

Nas últimas décadas, contudo, observa-se um movimento de tensionamento desse paradigma, que foi impulsionado tanto por reivindicações dos povos originários quanto por políticas públicas voltadas para o reconhecimento do direito à educação específica, diferenciada e intercultural. Neste contexto, a produção científica, particularmente sobre Educação Escolar Indígena, tem se ampliado significativamente, em particular no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, onde teses e dissertações vêm contribuindo para a consolidação de um campo teórico-metodológico comprometido com perspectivas interculturais, críticas e decoloniais (Tupinambá; Almeida, 2024).

Apesar deste avanço, e da diversificação temática, ainda são incipientes os estudos que sistematizam de forma abrangente essa produção acadêmica, possibilitando a identificação de tendências investigativas, lacunas temáticas e disputas epistemológicas que atravessam o campo. Deste modo, considerando tais questões, torna-se relevante questionar: “Quais aspectos têm sido privilegiados nas produções acadêmico-científicas que abordam etnociência, que foram publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES?”.

Alinhado a este problema, que foi aqui investigado, delimitamos como objetivo analisar os principais aspectos tratados nas produções acadêmico-científicas sobre etnociência, que foram publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

A justificativa e relevância na realização deste estudo está na necessidade de sistematizarmos e compreendermos os principais enfoques das pesquisas sobre etnociência, sendo essa uma área que articula saberes tradicionais e conhecimento científico. Desta forma, buscamos contribuir para identificação de tendências, lacunas e perspectivas teóricas, possibilitando o fortalecimento e avanço do debate acadêmico-científico, do reconhecimento da diversidade epistemológica, assim como, no subsídio e incentivo à futuras investigações que se debrucem sobre tal temática.

No que se refere à sua organização, logo após esta introdução, este artigo está assim configurado: na primeira seção, apresentamos a metodologia utilizada no estudo; na segunda seção, realizamos uma caracterização das pesquisas que abordam a etnociência; na terceira seção, discutimos as concepções de etnociência, os principais resultados e discussões apresentados, assim como, as limitações, lacunas e contribuições indicadas ou identificadas nos estudos; e, por fim, são apresentadas as considerações finais, seguidas das referências.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA ABORDAGEM QUALITATIVA, DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E DA ANÁLISE DO CONTEÚDO

Na realização deste estudo, partimos de uma abordagem qualitativa, tendo como princípio norteador a busca pela compreensão sólida da temática, levando-se em consideração os significados, as experiencias e os contextos. Neste sentido, o compreender requer o reconhecimento da singularidade dos indivíduos e suas subjetividades, que acabam por serem construídas tanto partindo de vivências pessoais quanto da própria história coletiva e da cultura do grupo ao qual eles pertencem (Minayo, 2012).

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Diferentemente daquelas perspectivas que primam pela mensuração, a pesquisa de abordagem qualitativa se interessa pelo universo dos significados, das crenças, dos valores, das atitudes etc. (Minayo, 2007). Com isso, esta abordagem investiga os fenômenos situados e localizados em seus próprios contextos, buscando compreendê-los em seus sentidos, assim como, as interpretações dadas pelos/as participantes (Chizzotti, 2003). Desta forma, ela possibilita acessar a "lógica interna" dos grupos sociais, abrindo caminhos para a produção de conhecimentos que, apesar de não quantificáveis, são essenciais para uma compreensão aprofundada da realidade social (Minayo, 2012).

No que se refere à pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008, 2017), ela pode ser entendida como um tipo de investigação que se desenvolve a partir de materiais já elaborados, já publicados, tendo por principais fontes os livros, artigos científicos etc. Ainda segundo o autor, a pesquisa bibliográfica é muito utilizada em diferentes estudos e, em certos casos, pode ser tida como único método, particularmente naquelas investigações que são exploratórias. Neste contexto, esse tipo de estudo possibilita que o/a pesquisador/a tenha acesso e sistematize conhecimentos já produzidos.

Gil (2008) ressalta que uma das importantes vantagens da pesquisa bibliográfica é a possibilidade de se considerar uma ampla variedade de fenômenos e dados, que muitas vezes são inviáveis de avaliação direta pelo/a pesquisador/a, principalmente quando se trata de dados presentes em contextos geográficos e tempos distintos. Todavia, o autor alerta que esse tipo de pesquisa também possui limitações, particularmente quando se trata da confiabilidade das fontes, considerando que dados secundários podem conter erros e/ou inconsistências, sendo necessário uma postura crítica e atenta às possíveis contradições para a garantia de rigor científico.

Em relação aos procedimentos práticos deste estudo, eles se deram em sete etapas. Na primeira, definimos os descritores de busca, sendo eles "etnociência" e "ensino". Na segunda, delimitamos o critério de inclusão, que foi ter um dos descritores de busca no título, resumo, palavras-chave ou introdução. Na terceira, delimitamos o critério de exclusão, que foi não ter etnociência como categoria central no estudo.

Na quarta, buscamos e selecionamos os estudos por meio da aplicação do critério de inclusão, com base na leitura, respectivamente, do título, do resumo, palavras-chave e introdução das publicações.

Com a aplicação do critério de inclusão, nos foi possível localizar 23 pesquisas (Quadro 01).

Quadro 01 – Estudos localizados nos bancos de dados segundo critério de inclusão.

ANO	AUTORIA	TÍTULO
2004	Ivânia Neves Corrêa	Interseções de saberes nos céus Suruí
2016	Creusa Barbosa dos Santos Trindade	Formação de professores: saberes pedagógicos e tradicionais da etnociência para os anos iniciais em escolas quilombolas
2017	Raiziana Mary de Oliveira Zurra	Aproximações das representações de Ciências por estudantes da Educação de Jovens e Adultos em comunidades rurais de Tefé-AM à etnociência
2018	João Carlos Raguzzoni Lopes	Conhecimentos populares dos alunos como referência para o Ensino de Botânica no Ensino Médio
2018	Claudemar José Trevizam	Educação dialógica e etnociência: buscando pontes entre os saberes populares e o ensinar-e-aprender Química
2018	Juscinete Rosa Soares Wieczorkowski	Estado da arte de produções acadêmicas de discentes indígenas na educação superior em Rondônia
2019	Luana Dias Mendes	O currículo de Ciências a partir dos saberes tradicionais dos estudantes da comunidade de Barra Nova – Ilha de Guriri – ES
2019	Marivânia Calvalcanti Ferreira	Ensino de ciências e Educação Quilombola: etnociência, saberes e práticas nos anos finais do Ensino Fundamental

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

2019	Natália de Paula Reis	Um olhar ecolinguistico para os saberes e as práticas de "raizeiros" da cidade de Nova Glória (GO)
2019	Lucas Blaud Ciola	Léxico ilustrado pedagógico de plantas e animais karitiana
2020	Millaany Felisberta de Souza	Diálogo entre ciências e cultura: análise dos TCC da Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT
2021	Yago Casimiro Cardoso	A etnomatemática dos pescadores artesanais da Ilha da Madeira – Itaguaí (RJ): uma proposta de preservação da identidade cultural em uma escola municipal local
2021	Amarildo Rodrigues da Cruz	Rezando, cantando e dançando: na espetacularidade do estandarte da Irmandade de Carimbó de São Benedito em Santarém Novo – PA
2021	Andreia da Silva Feitosa	Etnociência nos ritos e cerimônias do Hetohokỹ: da ciência à sapiência Inỹ
2021	Jéssica da Silva Gaudêncio	O saber indígena Kaingang: historiografia, etnociência e educação científica
2022	Fernanda dos Passos	"Olha o meu binóculo! Eu só consigo ver com meu binóculo": possibilidades de letramento científico na Educação Infantil em Rolim de Moura - RO
2022	Vanusa Medeiros da Silva	O artesanato como instrumento no Ensino de Ciências da Natureza no Município de Rolim de Moura no Estado de Rondônia
2022	Douglas Junior de Souza Alves	Etnociência indígena e preservação da floresta: aspectos culturais na perspectiva de egressos indígenas da Licenciatura Intercultural da Amazônia
2022	Patricia Silva de Oliveira	Imagens arqueológicas como possibilidade de ensino interdisciplinar: o estudo de caso da Pedra do Ingá
2023	Rosemeiry da Silva Pinto Cavalcante	A etnomatemática na culinária familiar: (re)significando o conceito de fração a partir dos saberes populares em uma turma do Ensino Fundamental
2023	Calvim Costa	Os jogos africanos numa perspectiva etnomatemática como uma estratégia possível para uma educação escolar democrática e antirracista
2023	Mauricio Mattar Kamayura	O tempo de fazer e o fazer do tempo do Povo Kamayura
2024	Gabriela Dubeski Ferreira	Moluscos bivalves explorados: panorama das capturas comerciais, arte extrativista e estratégias de divulgação científica sobre biodiversidade na costa paranaense

Fonte: autoria própria.

Na quinta fase, aplicamos o critério de exclusão nos 23 estudos localizados. Com isso, restaram 13 pesquisas para analisarmos (Quadro 02).

Quadro 2 – Estudos selecionados com bases nos critérios de exclusão.

ANO	AUTORIA	TÍTULO
2004	Ivânia Neves Corrêa	Interseções de saberes nos céus Suruí
2016	Creusa Barbosa dos Santos Trindade	Formação de professores: saberes pedagógicos e tradicionais da etnociência para os anos iniciais em escolas quilombolas
2017	Raiziana Mary de Oliveira Zurra	Aproximações das representações de Ciências por estudantes da Educação de Jovens e Adultos em comunidades rurais de Tefé-AM à etnociência
2018	Claudemar José Trevizam	Educação dialógica e etnociência: buscando pontes entre os saberes populares e o ensinar-e-aprender Química
2018	Juscinete Rosa Soares Wieczorkowski	Estado da arte de produções acadêmicas de discentes indígenas na educação superior em Rondônia

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

2019	Marivânia Calvalcanti Ferreira	Ensino de ciências e Educação Quilombola: etnociência, saberes e práticas nos anos finais do Ensino Fundamental
2019	Natália de Paula Reis	Um olhar ecolinguistico para os saberes e as práticas de "raizeiros" da cidade de Nova Glória (GO)
2019	Lucas Blaud Ciola	Léxico ilustrado pedagógico de plantas e animais karitiana
2020	Millaany Felisberta de Souza	Diálogo entre ciências e cultura: análise dos TCC da Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT
2021	Andreia da Silva Feitosa	Etnociência nos ritos e cerimônias do Hetohokỹ: da ciência à sapiência Inỹ
2021	Jéssica da Silva Gaudêncio	O saber indígena Kaingang: historiografia, etnociência e educação científica
2022	Douglas Junior de Souza Alves	Etnociência indígena e preservação da floresta: aspectos culturais na perspectiva de egressos indígenas da Licenciatura Intercultural da Amazônia
2022	Patricia Silva de Oliveira	Imagens arqueológicas como possibilidade de ensino interdisciplinar: o estudo de caso da Pedra do Ingá

Fonte: autoria própria.

Na sexta fase, definimos as categorias a serem analisadas, sendo elas: tipo de trabalho; área de pesquisa; período das publicações; objetivos das pesquisas; principais resultados e discussões; limitações, lacunas e contribuições indicadas ou identificadas nos estudos.

Por fim, na sétima fase, realizamos a análise dos dados, com base na técnica de Análise do Conteúdo (AC) de Bardin (2011). Esta técnica tornou-se um dos principais referenciais metodológicos na execução de pesquisas de abordagem qualitativa, em especial nas ciências humanas e sociais.

Bardin (2011) a define como um conjunto de instrumentos metodológicos que estão em contínuo aperfeiçoamento, podendo ser aplicada em diversos tipos de discursos, em seus conteúdos e em suas formas de expressões. Assim sendo, a autora a conceitua como,

> [...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitem a interferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2011, p. 46).

Em sua definição, a autora situa elementos centrais na AC, como a sistematicidade, ou seja, a necessidade de organização rigorosa do material, e a inferência, isto é, a capacidade que o/a pesquisador/a deve ter de interpretar os dados, indo além do que se põe explícito, acessando as dimensões contextuais e também simbólicas. Deste modo, a AC não pode ser limitada à função de descrição de dados, pois ela engloba um processo interpretativo, articulando texto, contexto e intencionalidade, ou seja, ela é uma técnica descritiva e analítica, simultaneamente.

No que confere à sua operacionalização, Bardin (2011) organiza a Análise de Conteúdo em três fases centrais, sendo elas: a pré-análise, na qual se organiza o material, faz-se a leitura flutuante, assim como, se define o *corpus* e as hipóteses; a exploração do material, que se constitui como codificação, categorização e classificação dos dados, e é nela que o conteúdo é transformado em unidades de análise; e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, que nada mais é doque o momento em que os dados são criticamente analisados, permitindo que o/a pesquisador/a construa significados e produza conhecimento científico.

Em relação aos procedimentos práticos da AC realizada por nós, inicialmente, realizamos uma leitura flutuante de todos os 13 trabalhos que compuseram o *corpus* de

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

análise, tendo por objetivo uma familiarização com o material e o estabelecimento das categorias, isto é, tipo de trabalho; área de pesquisa; período das publicações; objetivos das pesquisas; principais resultados e discussões; limitações, lacunas e contribuições identificadas nos estudos.

Posteriormente, realizamos a exploração do material por meio de uma leitura mais aprofundada e sistemática do material, afim de identificar e recortar unidades de registro, ou seja, trechos relevantes que se relacionam com cada uma das categorias estabelecidas, organizando-os e agrupando-os de acordo com sua semelhança temática.

E, por fim, tratamos os resultados e interpretações de forma articulada, buscando identificar possíveis padrões e convergências entre as pesquisas analisadas, o que nos possibilitou, para além da descrição dos dados, a construção de inferências consistentes, contribuindo para compreendermos tendências, contribuições, lacunas e limitações nos estudos.

3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS: TIPO DE TRABALHO, ÁREA DE PESQUISA, PERÍODO DAS PUBLICAÇÕES E OBJETIVOS

No que diz respeito ao tipo de trabalho, com a aplicação, respectivamente, dos critérios de inclusão e exclusão, localizamos dez dissertações (Corrêa, 2004; Trevizam, 2018; Wieczorkowski, 2018; Ciola, 2019; Ferreira, 2019; Reis, 2019; Souza, 2020; Feitosa, 2021; Alves, 2022; e Oliveira, 2022) e três teses (Trindade, 2016; Zurra, 2017; e Gaudêncio, 2021).

Em relação às áreas destas pesquisas, observamos que há uma predominância de estudos na área de Ensino de Ciências e suas variações. Assim, os trabalhos se situam nas seguintes áreas: Wieczorkowski (2018) e Alves (2022) no Ensino de Ciências da Natureza; Feitosa (2021) e Souza (2020) no Ensino de Ciências e Matemática; Ferreira (2019) no Ensino de Ciências e Educação Matemática; e Oliveira (2022) no Ensino de Ciência e Tecnologia. Também foram localizados pesquisas nas áreas de: Antropologia (Corrêa, 2004); Educação (Trindade, 2016; Zurra, 2017; e Trevizam, 2019); História das Ciências e Educação Científica (Gaudêncio, 2021); e Linguística (Ciola, 2019; Reis, 2019).

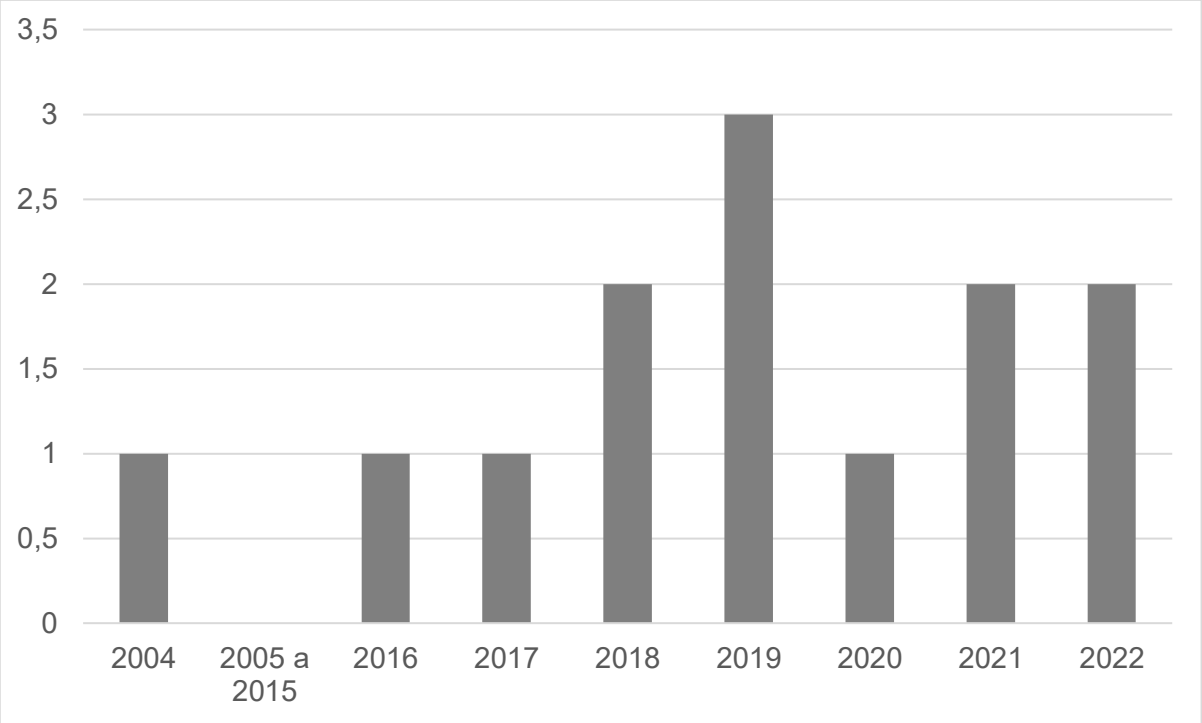
Uma explicação plausível para essa predominância de estudos na área de Ensino de Ciências e suas variações, está no fato de que esse campo estabelece uma relação direta entre os saberes tradicionais e o ensino formal, particularmente o Ensino de Ciências, visto que a etnociência parte dos conhecimentos produzidos por diferentes grupos culturais sobre a natureza. Isso dialoga frequente e fortemente com propostas educacionais que buscam contextualizar o Ensino de Ciências por meio da valorização da diversidade cultural e dos saberes locais.

Desta forma, esses dados nos dão pistas de que os programas de pós-graduação em Ensino de Ciências tendem a incorporar essa temática com maior frequência, já que ela contribui para práticas educacionais mais inclusivas, críticas e contextualizadas. Além disso, um outro fator que se põe importante, e que merece ser considerado, é que há um movimento crescente na educação científica empenhado na interculturalidade e na valorização de conhecimentos ditos não hegemônicos, especialmente de comunidades e povos tradicionais, o que favorece a produção acadêmico-científica nessa interrelação entre etnociência e o ensino de ciência.

No que se refere ao período das publicações, ele se estende do ano de 2004 ao ano de 2024 (Gráfico 01).

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Gráfico 01 – Período de publicações das pesquisas que compuseram o corpus de análise.



Fonte: autoria própria.

Quando nos atentamos para o Gráfico 01, é possível verificar que a produção acadêmico-científica que trata da etnociência como categoria central não se dá de forma contínua.

O primeiro trabalho que localizamos no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES foi o de Corrêa (2004), publicado em 2004. Entre os anos de 2005 e 2015 não encontramos nenhum estudo publicado, o que demonstra que este tema não possuía ainda uma boa visibilidade na academia, particularmente nos programas de pós-graduação. Em outro entendimento, também podemos considerar que tal tema tenha sido abordado em suas variáveis, como a Etnobiologia, Etnoecologia, Etnobotânica, Etnozoologia etc.

De toda forma, é a partir de 2016 que há uma gradual retomada na publicação de pesquisas sobre etnociência, o que evidencia um aumento no interesse pela temática, que pode ser explicado, especialmente, por uma maior valorização dos saberes tradicionais, assim como, das discussões sobre meio ambiente e sustentabilidade.

Apesar deste maior interesse, o que observamos é que a produção ainda não é totalmente solidificada, pois depende de fatores como o incentivo às pesquisas sobre a temática e o interesse dos programas de pós-graduação em desenvolvê-la. Em resumo, estes dados demonstram que a etnociência vem ganhando mais espaço, mas ainda está em um processo de consolidação no meio acadêmico-científico.

Por último, no que tange aos objetivos das teses e dissertações analisadas, eles são os seguintes:

- “mostrar como a cosmovisão Suruí se organiza atualmente, marcada pela tradição Tupi e pelas influências das culturas urbanas e como eles identificam o céu” (Corrêa, 2004, p. 17);
- “compreender em que termos e significados os saberes da etnociência expressos em comunidades tradicionais quilombolas se conectam aos conteúdos de ciências naturais do currículo do Ensino Fundamental (1º ao 5º anos)” (Trindade, 2016, p. 15);

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

- “investigar as representações dos conteúdos do currículo de Ciências Naturais na realidade comunitária dos estudantes rurais de EJA das escolas municipais de Tefé-AM e as implicações desencadeadas pela contextualização” (Zurra, 2017, p. 9);
- “compreender como saberes populares, notadamente, aqueles voltados ao uso de plantas medicinais, podem ser utilizados como ponte de diálogo entre a ciência popular e a ciência moderna no ensinar-e-aprender Química” (Trevizam, 2018, p. 18);
- “analisar o que revelam os Tcc´s apresentados no Curso de Licenciatura em Educação Intercultural por discentes indígenas no Campus da UNIR de Ji-Paraná no período de 2015 e 2016” (Wieczorkowski, 2018, p. 12);
- “analisar práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores no ensino de ciências em sala de aula na perspectiva da educação quilombola” (Ferreira, 2019, p. 11);
- “analisar quais os papéis dos meios ambientes mental, natural e social na construção do conhecimento etnomédico dos raizeiros” (Reis, 2019, p. 12);
- “produzir o Léxico Ilustrado Pedagógico de Plantas e Animais Karitiana como material didático para a escola indígena da reserva karitiana” (Ciola, 2019);
- “mostrar que há outras concepções de ciências encontradas nos TCC da turma do período de 2011-2016, da Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI, e como essas concepções se dialoga entre a cultura e a ciência nesses documentos” (Souza, 2020, p. 21);
- “compreender o processo de constituição, sistematização e difusão da Etnociência a partir da celebração do ritual Hetohokỹ realizado no período de julho de 2019 a março de 2020” (Feitosa, 2021, p. 11);
- “fazer a caracterização histórica dos sistemas de conhecimento etnocientífico da população indígena Kaingang e identificar os conhecimentos empíricos presentes nas práticas culturais desta etnia ao longo de sua geração sob o ponto de vista da ciência (etnociência) em uma perspectiva da educação científica e sua contextualização no ensino formal de ciências” (Gaudêncio, 2021, p. 19);
- “analisar os conhecimentos ancestrais presentes na perspectiva de egressos indígenas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura Intercultural da região Amazônica, com vistas à preservação da floresta e sua relação com o ensino de ciências e de matemática” (Alves, 2022, p. 12);
- e “desenvolver uma proposta de ensino interdisciplinar a partir de imagens arqueológicas da Pedra do Ingá” (Oliveira, 2022, p. 7).

Estes objetivos demonstram que estas pesquisas se concentram predominantemente em três eixos que se destacam: o primeiro diz respeito à valorização de saberes tradicionais; o segundo corresponde à interrelação com o Ensino de Ciências; e o terceiro se refere à construção de propostas pedagógicas que sejam contextualizadas.

Neste cenário, por meio dos objetivos dos 13 estudos analisados, é possível constatar que parte dessas investigações busca por uma compreensão de sistemas de conhecimentos muito particulares, como a cosmovisão indígena (Corrêa, 2004), os saberes etnomédicos (Reis, 2019) ou os conhecimentos ancestrais (Alves, 2022), o que sinaliza a etnociência como um campo que se volta para interpretação e valorização de distintas e diferentes formas de produzir conhecimentos.

De forma paralela, há um outro conjunto de pesquisas que busca articular esses conhecimentos ao âmbito educacional, particularmente com o Ensino de Ciências (Trindade, 2016; Zurra, 2017; Trevizam, 2018; Ferreira, 2019; Gaudêncio, 2021; Alves, 2022; Oliveira, 2022), isso acontece tanto quando se investiga os currículos e as práticas pedagógicas como quando se estuda os processos de ensino-aprendizagem em contextos específicos como indígenas, quilombolas e rurais.

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Além disso, também verificamos que alguns autores e autoras vão para além da teoria, almejando uma dimensão aplicada, o que resultou na produção de materiais didáticos e léxicos (Ciola, 2019) ou em estratégias interdisciplinares (Oliveira, 2022), o que demonstra uma preocupação com a transformação da etnociência em práticas pedagógicas concretas e contextualizadas.

Em suma, os objetivos analisados revelam uma produção acadêmico-científica que não se limita à pura descrição dos saberes tradicionais, mas procuram se orientar por um diálogo entre conhecimentos científicos, culturais e educacionais, revelando o caráter interdisciplinar, educativo e sociocultural que fundamenta a etnociência.

4 CONCEPÇÕES, DIMENSÕES E ASPECTOS DA ETNOCIÊNCIA DISCUTIDOS NOS ESTUDOS

Nesta seção, refletimos sobre as concepções em torno da etnociência, partindo das perspectivas dos autores e autoras. Em seguida, sintetizamos os principais resultados e discussões apresentados nas pesquisas analisadas. E, por fim, discutimos as limitações, lacunas e contribuições nos/dos estudos, o que permite uma visão dos avanços e desafios na produção de conhecimentos sobre a temática em pauta.

4.1 A ETNOCIÊNCIA SEGUNDO OS/AS AUTORES/AS

Ao longo de nossas análises, verificamos que os/as pesquisadores/as compreendem a etnociência como um campo plural, pois articula as dimensões epistemológicas, metodológicas, pedagógicas e políticas ao tratarem dos conhecimentos e saberes tradicionais produzidos pelos diferentes grupos sociais.

Neste sentido, Alves (2022) traz para o bojo das discussões que a etnociência está intimamente ligada aos modos de pensar e produzir conhecimento nas comunidades indígenas, sendo marcados pela oralidade e pela tradição cultural. Somando-se ao autor, Reis (2019) entende a etnociência como um instrumento importante de valorização e preservação dos ecossistemas e das culturas tradicionais, assumindo um papel político e ambiental.

Em seu estudo, Wieczorkowski (2018) amplia esse debate quando coloca a etnociência como uma alternativa ao engessamento e rigidez da ciência moderna, não a negando, mas reivindicando uma releitura da relação estabelecida entre humanidade e natureza. A autora, ao enfatizar o conceito de etnocentrismo, ressalta que, inevitavelmente, todo conhecimento produzido é culturalmente situado. Isto converge com as concepções de Corrêa (2004), que, ao radicalizar seu discurso, afirma uma inexistência de hierarquias entre as racionalidades, pois entende que todo conhecimento, incluindo o conhecimento científico, é uma expressão da etnociência. Com isso, a autora desloca o debate para uma outra direção, isto é, para a interpretação e compreensão dos saberes em seus contextos próprios de produção e uso.

Na mesma direção epistemológica, Ferreira (2019) concebe a etnociência como causadora e promotora de mudanças paradigmáticas, visto que ela reconhece os saberes e conhecimentos tradicionais como sendo cientificamente válidos e relevantes para a sociedade. Além disso, rejeitando a ideia de uma substituição da ciência moderna, a autora propõe a ampliação das formas de se produzir os conhecimentos, o que coaduna com os entendimentos de Trevizam (2018), quando ele defende a etnociência como uma perspectiva que se volta para o diálogo entre diferentes saberes, possuindo um caráter transdisciplinar capaz de mediar diferentes formas de compreender e compreensão do mundo.

RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu
Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Outro aspecto marcante nas concepções dos/as autores/as é a multidisciplinaridade, havendo um entendimento de que a etnociência emerge da interseção entre áreas como antropologia, linguística e ciências naturais, concentrando foco o estudo dos conhecimentos das populações a respeito dos processos naturais (Feitosa, 2021; Souza, 2020; Gaudêncio, 2021), envolvendo, também, as análises das classificações ditas populares, assim como, os uso de recursos naturais e a relação entre cultura e biodiversidade (Souza, 2020). Além disso, há um destaque da expansão da etnociência para diversas subáreas como a etnobotânica, a etnoastronomia, a etnomatemática etc. (Oliveira, 2022), o que demonstra sua consolidação acadêmica.

Por outro prisma, Trindade (2016) trata do caráter experimental da etnociência, a concebendo como um conhecimento que se origina na/da vivência direta com a natureza, o que é anterior às formas de sistematização adotadas pela ciência moderna, ocidental. Na mesma direção, as dimensões práticas e cotidianas aparecem em Feitosa (2021), quando a autora ressalta que a etnociência busca estudar, documentar e valorizar os saberes, os conhecimentos e as práticas dos povos tradicionais, enfatizando seu compromisso com a diversidade cultural existente.

Mediante as concepções trazidas pelos/as autores/as, podemos compreender a etnociência como um campo epistemológico transdisciplinar que busca investigar, reconhecer e articular sistemas de conhecimentos que são produzidos por diferentes grupos socioculturais (a exemplo de indígenas, quilombolas, ribeirinhos, camponeses etc.), levando-se em conta suas dimensões simbólicas, práticas e ambientais, e promovendo um diálogo crítico e não hierarquizado entre aqueles conhecimentos entendidos como tradicionais e aqueles conhecimentos legitimados como científicos.

4.2 QUAIS PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÕES APRESENTADOS NOS ESTUDOS?

Em nossas análises, dos estudos de Alves (2022), Ciola (2019), Corrêa (2004), Feitosa (2021), Ferreira (2019), Gaudêncio (2021), Oliveira (2022), Reis (2019), Souza (2020), Trevisan (2018), Trindade (2016), Wieczorkowski (2018) e Zurra (2017), verificamos a centralidade da etnociência como tensionadora e ampliadora das concepções do quem vem a ser ciência e do que pode ser considerado ciência, isto porque ela se propõe a reconhecer a legitimidade de múltiplos e diversos sistemas de conhecimentos que se enraízam em contextos culturais particulares.

E é neste sentido que os estudos desenvolvidos pelos/as autores/as acima convergem, quando eles destacam que os saberes tradicionais, ou seja, os saberes indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outros saberes, não apenas coexistem com o que é considerado ciência pelo ocidente, mas também se constituem como formas complexas, sistematizadas e historicamente construídas de interpretar, interagir, vivenciar e experienciar o mundo.

Uma das importantes discussões trazidas pelos/as autores/as diz respeito à relação entre conhecimentos tradicional e meio ambiente. Sobre essa questão, Alves (2022) enfatiza a preocupação dos povos indígenas com a preservação da floresta amazônica, ressaltando que esta preservação se vincula intrinsicamente à sobrevivência física e cultural desses povos, sendo que é nesse contexto que os etnoconhecimentos se tornam indispensáveis para práticas sustentáveis.

Estes entendimentos são reforçados por Gaudêncio (2021), quando a autora ressalta que as “etnopráticas” dos/as indígenas da etnia Kaingang, a exemplo da medicina, da caça e de rituais, se configuram como um sistema de conhecimentos repassados de/entre geração para/e geração. Sistema esse diretamente relacionado com o manejo sustentável de recursos naturais. Na mesma direção da autora, Reis (2019) postura que o saber

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

"etnomédico" dos/as raizeiros/as se estrutura e se constitui em uma rede ecológica que interage e integra as dimensões naturais, sociais e mentais, de modo que resulta no rompimento de visões fragmentadas do conhecimento.

Neste cenário, compreendemos que a articulação de diferentes formas de conhecimento, como se expressa nas pesquisas acima, demonstra um entendimento alargado das relações que se estabelecem entre sociedade e natureza, na quais as práticas culturais, os valores simbólicos e as experiencias coletivas se põe como centrais no uso estratégico e conservação dos recursos naturais. Todavia, essa perspectiva perpassa pela necessidade do reconhecimento desses diferentes sistemas como essenciais para formulação e implementação de políticas e práticas educativas que se voltam para promoção da sustentabilidade, ao mesmo tempo em que reforça a urgente demanda pela promoção de diálogos interculturais guiados pelo princípio de respeito à autonomia e à complexidade dos saberes tradicionais.

Outra questão que se põe nas pesquisas analisadas é a dimensão epistemológica da etnociência, que é tratada, particularmente, por Corrêa (2004) e Feitosa (2021), quando as autoras problematizam a persistente tendência de uma busca pela compreensão e interpretação dos saberes indígenas partindo de categorias ocidentais.

No caso de Corrêa (2004), ela sustenta que a compreensão da "etnoastronomia" dos/as indígenas Suruí requer que haja uma relativização das "teias de significados" dos/as pesquisadores/as, para que, assim, haja o reconhecimento de que as constelações e cosmologias indígenas não se enquadram nas classificações da ciência ocidental. No mesmo sentido, Feitosa (2021) traz para o bojo das discussões que a etnociência do povo Inỹ constitui uma episteme original, própria, visto que é inseparável das práticas ritualísticas, das narrativas e da organização social desse povo, o que requer uma compreensão em seus próprios termos, sem que seja posta em uma hierarquização epistemológica.

Essa ideia de valorização de sistemas de conhecimentos culturalmente particulares e situados também se faz presente nas pesquisas que tratam sobre linguagem e classificação. Uma desta foi realizada por Ciola (2019), na qual o autor demonstra que o léxico etnocientífico karitiana organiza o mundo natural tendo por base categorias que articulam práticas cotidianas, princípios cosmológicos e narrativas, o que acaba por configurar uma "etnotecnologia" que se volta para o uso sustentável da biodiversidade acessada. Outra pesquisa de caminho convergente é a de Reis (2019), pela qual podemos compreender que a linguagem dos raizeiros expressa e integra uma lógica de classificação que soma aspectos sensoriais, simbólicos e, ao mesmo tempo, funcionais, desvelando uma forma própria de organização e significação do mundo.

Neste contexto, nos estudos de Corrêa (2004), Feitosa (2021) e Ciola (2019) podemos observar que os sistemas de conhecimentos analisados pelos/as pesquisadores/as se desenvolvem a partir de suas próprias lógicas de organização, de interpretação e de transmissão da realidade, e isso reforça a demanda por abordagens de análises que reconheçam e valorizem a autonomia e singularidades epistemológicas desses saberes, desses conhecimentos, para não cairmos em reducionismos e interpretações etnocêntricas.

As pesquisas analisadas também trazem contribuições para o campo educacional, quando fazem a relação entre etnociência e educação, apontando desafios e possibilidades para que haja uma integração entre os chamados saberes tradicionais e a dita educação formal. Particularmente, Alves (2022) e Wieczorkowski (2018) ressaltam a Educação Escolar Indígena como um importante espaço de mediação intercultural, destacando o papel que a formação de professores e professoras indígenas assume no processo de sistematização e mediação dos conhecimentos tradicionais. Todavia, os autores apontam

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

algumas limitações que se põe como estruturais, a exemplo da falta de materiais didáticos adequado e rígidos currículos ocidentais, eurocentrados.

Na mesma direção, Ferreira (2019) identifica essa problemática, quando ela analisa o Ensino de Ciências no contexto quilombola, onde a autora identifica lacunas na formação docente e na valorização dos saberes afro-brasileiros, apesar de haver exigências legais, como a Lei nº 10. 639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, que, respectivamente,

> Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências" (Brasil, 2003, p. 1);
>
> Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (Brasil, 2008, p.1).

Neste contexto, como defendem Trevisan (2018), Trindade (2016) e Zurra (2017), há uma notável demanda por práticas pedagógicas contextualizadas e dialógicas. Assim, para Trevisan (2018), a etnociência deve ser uma ponte entre a ciência moderna e os saberes tradicionais, os saberes populares, o que favoreceria um Ensino de Química mais significativo e crítico. Ainda de acordo com o autor, essa maior criticidade e contextualização com a realidade ocorre quando trabalharmos as temáticas que envolvem os saberes populares, "sendo está uma maneira de questionar a legitimação do saber científico em detrimento dos demais saberes" Trevisan (2018, p. 19).

Por sua vez, Trindade (2016), ao discutir formação de professores e professoras, ressalta que a articulação entre os saberes acadêmicos e a etnociência quilombola contribui para as práticas pedagógicas contextualizadas e para a produção/construção de conhecimentos que sejam mais relevantes e significativos para os/as educandos/as. Com isso, em sua pesquisa ela explicita que as aproximações entre os planos de ensino, as experiências pedagógicas dos/as professores/as formadores/as e em formação "potencializam aprendizagens significativas no ensino fundamental de escolas quilombolas" (Trindade, 2016, 185).

Já Zurra (2017) traz como discussão que a contextualização dos conteúdos científicos, apesar de ser indispensável, deve ir para além do cotidiano imediato, devendo incorporar as dimensões sócio-históricas para se evitar reducionismos e para ampliar a compreensão crítica da realidade social. Na concepção da autora, há uma necessidade de "reflexões e reformulações no sentido de que se apresente mais de uma visão de contextualização em que se faça presente a contextualização dos conteúdos sob uma perspectiva sócio histórica da região", e isso se faz ainda mais necessário "quando se trabalha a biodiversidade que existe na Amazônia" (Zurra, 2017, .p 169).

Por meio de suas discussões, Trevisan (2018), Trindade (2016) e Zurra (2017) nos ajudam na compreensão de que, para que haja uma educação em ciências que seja comprometida com a diversidade epistemológica, deve-se haver não uma inclusão estrita e esporádica de conteúdos culturais ou de temáticas relacionadas aos saberes tradicionais, mas sim uma reestruturação das bases curriculares, metodológicas e formativas que atravessam o ensino. Esta perspectiva requer o reconhecimento dos sujeitos como produtores de conhecimentos, assim como, requer a valorização de suas experiências e a promoção de práticas pedagógicas que, criticamente, consigam articular as diversas racionalidades, sem que haja a hierarquização ou subordinação de uma em relação a outra.

No contínuo de nossas análises, verificamos que a interdisciplinaridade surge como um fator importante nos estudos, conforme discutido por Oliveira (2022). A autora propõe uma articulação entre Artes Visuais, Arqueologia e Etnociência como uma estratégia para

RESCX Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu
Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

promover uma aprendizagem que seja integrada e significativa, pois “poucas disciplinas da Educação Básica abordam a cultura da Pedra do Ingá com seus alunos e quando abordam é de forma isolada e não de forma interdisciplinar” (Oliveira, 2022, p. 18).

Essa perspectiva da interdisciplinaridade coaduna com Souza (2020), pois a autora defende que não há uma ciência única, visto que há múltiplas formas de produzir conhecimento, havendo a necessidade de se construir caminhos entre as diferentes epstemologias. De acordo com a autora,

> Trata-se de erguer uma ponte, em termos culturais, da comunidade científica para o cidadão comum - uma ponte ajustada ao exercício da cidadania que interligue cultura científica e cultura do fazer. É desse reencontro que surge uma nova relação entre ciência e sociedade, entre saber científico e senso comum entre ciência cidadã e sociedade cultural (Souza, 2020, p. 134).

Neste sentido, tanto Oliveira (2022) como Souza (2020), apontam para a importância e para a necessidade de práticas educativas que confluam saberes tidos como diversos, de modo que se reconheça a ciência também como um fenômeno cultural.

Por fim, ainda verificamos outra convergência entre as pesquisas quando elas ressaltam que há significativos desafios na contemporaneidade, que estão relacionados à preservação dos saberes tradicionais, particularmente no que se refere às influências de processos externos e à diminuição do interesse das novas gerações, como salientado por Alves (2022) e Gaudêncio (2021). Com isso, medidas como documentação, sistematização e valorização desses conhecimentos, seja através de produções acadêmicas indígenas, materiais didáticos ou de práticas pedagógicas interculturais, se tornam fundamentais para a sua manutenção.

Em todo caso, as diversas articulações observadas entre os/as autores/as demonstram que a etnociência se tornou um campo importante e estratégico na promoção de uma ciência plural, crítica e contextualizada. Além disso, precisamos considerar que, ao reconhecerem a legitimidade dos saberes entendidos como tradicionais e promoverem o diálogo intercultural, essas pesquisas se somam a um esforço para a construção de práticas educativas e, também, científicas, alinhadas com a diversidade cultural, com a sustentabilidade e com a justiça epistemológica.

4.3 LIMITAÇÕES, LACUNAS E CONTRIBUIÇÕES INDICADAS OU IDENTIFICADAS

Durante nossas análises, ainda identificamos as contribuições, limitações e lacunas nas pesquisas aqui discutidas, que, por sua vez, apontam para uma demanda pelo fortalecimento de abordagens no campo da etnociência que sejam interculturalmente orientadas, interdisciplinares e contextualizadas. Neste contexto, os autores e autoras reconhecem, de modo geral, a relevância, dinamicidade, complexidades e legitimidade dos saberes tradicionais e de seus processos de produção, e, ao mesmo tempo, enfatizam que existem desafios que são de ordem estrutural, epistemológica e pedagógica, que acabam por limitar sua plena valorização e inclusão nos espaços acadêmicos e escolares.

No que tange às contribuições, destacamos a confluência entre os estudos quando os/as autores/as reafirmam a legitimidade dos saberes tradicionais. Nesta direção, Souza (2020) e Feitosa (2021) defendem que não existe uma ciência que seja única e universal, mas sim múltiplas maneiras de conhecer, que, por sua vez, estão intrinsicamente articuladas aos contextos culturais e sociais nos quais esses conhecimentos são produzidos e circulam.

Esta concepção é reforçada por Corrêa (2004), quando ela defende que sistemas como a etnoastronomia indígena não deve ser compreendida por meio de categorias ocidentais, e, também, por Reis (2019), quando ela propõe uma interpretação holística do

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

conhecimento. Interpretação esta que deve ser estruturada em dimensões sociais, mentais e naturais. Complementarmente, Trevisan (2018) e Trindade (2016) demonstram que, particularmente no campo educacional, o movimento de articular saberes científicos e populares potencializa o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o mais significativo, crítico e contextualizado.

Outra contribuição por nós identificada diz respeito à valorização da educação pelo viés da interculturalidade e da formação de docentes. Particularmente, nos estudos de Alves (2022), Wieczorkowski (2018) e Ferreira (2019), observamos uma centralidade da escola como mediadora de diferentes epistemologias, reforçando a necessidade da formação inicial e continuada de professores e professoras, para atuação em contextos culturalmente diversos e específicos. Neste contexto, a produção de materiais didáticos contextualizados, a exemplo do léxico etnocientífico de Ciola (2019), e propostas de interdisciplinaridade, como aquelas de Oliveira (2022) e de Gaudêncio (2021), apontam caminhos promissores e possíveis para socialização entre conhecimentos tradicionais e conhecimentos acadêmicos e escolares.

Todavia, apesar das contribuições apontadas, a análises também revelam limitações importantes presentes nas pesquisas. Uma destas limitações diz respeito à fragilidade na prática das propostas desenvolvidas, um exemplo disso é Ciola (2019), que reconhece que o material didático por ele produzido, isto é, o "Léxico Ilustrado Pedagógico de Plantas e Animais Karitiana", carece de ser validade em contextos escolares. Também como limitação, Oliveira (2022) discute a baixa efetividade da interdisciplinaridade nas escolas, demonstrando que, embora ela seja teoricamente reconhecida, sua concretização ainda é limitada empiricamente.

Outra limitação corresponde à falta de formação docente adequada para lidar com a diversidade epistemológica, com destaque à formação inicial, particularmente no que tange à História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (Ferreira, 2019; Trindade, 2016). Isso contribui para uma reprodução de práticas pedagógicas sem contextualização e para uma abordagem superficial da etnociência, como ressaltado por Zurra (2017), quando ela faz críticas à restrita contextualização ao cotidiano dos/as estudantes, sem que haja uma crítica e interdisciplinaridade real.

Somando-se a isto, nos estudos também fica evidente as limitações de ordem estrutural e política. Neste contínuo, Wieczorkowski (2018) ressalta que há uma persistência da construção de currículos engessados e rígidos, assim como, materiais didáticos inadequados e a pouca participação de comunidades indígenas na formulação das políticas educacionais, particularmente daquelas direcionadas à elas. Complementarmente, Alves (2022) destaca que há uma demanda pela articulação entre ações comunitárias e às políticas públicas, de modo que seja garantida a preservação ambiental e cultural, o que sinaliza que a não presença desse alinhamento resulta no comprometimento das iniciativas que são locais.

No que concerne às lacunas, verificamos que há necessidade de um maior número de pesquisas empíricas que, ao longo do tempo, acompanhem as implementações e os impactos das propostas educacionais. Assim sendo, Ciola (2019) e Trevisan (2018) trazem com sugestão uma continuidade de estudos que se aprofundem no uso de materiais e metodologias no cotidiano da sala de aula, enquanto que Souza (2020) alerta para a ausência de investigações que tratem da aplicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos contextos indígenas. Além disso, também é possível identificar lacunas referentes ao engajamento das novas gerações com os saberes tradicionais, como salientado por Alves (2022) e Gaudêncio (2021), que acusam haver um desinteresse dos/as jovens influenciados/as pelos processos de modernização e globalização cada vez mais agressivos.

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

Outro aspecto que se mostra pouco explorado corresponde à sistematização e integração entre as diferentes áreas do conhecimento. Sobre essa questão, Oliveira (2022) e Zurra (2017) indicam haver uma demanda pela superação de abordagens fragmentadas e fragmentadoras, sendo necessário haver uma interdisciplinaridade que interrelacione múltiplas dimensões, como as dimensões científicas, culturais, históricas e sociais. De modo semelhante, Reis (2019) enfatiza a importância do desenvolvimento de abordagens multidisciplinares para superação da marginalização dos saberes tradicionais pela ciência institucional e ocidental.

Por último, as pesquisas se alinham quando reforçam que um avanço no campo da etnociência e da educação intercultural se condiciona ao reconhecimento da diversidade epistemológica, da valorização dos saberes tradicionais e da construção de políticas públicas que sejam de fato inclusivas. Porém, ainda são fortes os desafios referentes à formação docente, ao desenvolvimento de práticas pedagógicas contextualizadas, à participação ativa das comunidades na construção dos currículos e à superação do eurocentrismo. Deste modo, ressaltamos a necessidade de um aprofundamento os diálogos entre os diferentes sistemas conhecimento, para que haja uma educação crítica, inclusiva, cultural e, também epistemologicamente situada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tivemos o objetivo de analisar os principais aspectos tratados nas produções acadêmico-científicas sobre etnociência, que foram publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. No decorrer de nossas análises, verificamos um conjunto importante de eixos temáticos, de abordagens teóricas e preocupações relacionadas ao campo da etnociência.

No geral, as pesquisas privilegiam a valorização epistemológica dos saberes ditos tradicionais, visto que os reconhece como sistemas legítimos, complexos e historicamente constituídos. Com isso, há uma problematização da hegemonia da ciência ocidental e a defesa da existência de múltiplas racionalidades, assim como, de formas de se produzir os conhecimentos. Alinhado a isso, observamos que há uma ênfase na necessidade da compreensão desses saberes a partir de seus contextos próprios, para que, assim, não se caia em reducionismo e interpretações frágeis causadas pelo uso de categorias externas.

Outro expecto privilegiado nos estudos concerne à estreita relação entre etnociência e meio ambiente, havendo uma significativa incidência de investigações que articulam conhecimentos tradicionais com práticas sustentáveis e manejo ecológico. Neste contexto, as pesquisas apontam que os chamados etnoconhecimentos, para além de interpretar o mundo natural, orientam práticas concretas de preservação, particularmente nos territórios indígenas, quilombolas e de outras comunidades tradicionais.

Especificamente no campo educacional, as produções analisadas têm como foco a integração entre saberes tradicionais e o ensino formal, sendo destacada a educação intercultural como um espaço que se põe estratégico para o estabelecimento do diálogo entre diferentes epistemologias, se sobressaindo as discussões sobre formação docente, produção de materiais didáticos contextualizados e adoção de práticas pedagógicas críticas. Todavia, observamos também que há tensões relacionadas a currículos ainda muito engessados, formação docente insuficiente e falta de políticas públicas.

A interdisciplinaridade também se põe como um tema relevante nas discussões, sendo vista como uma prerrogativa para compreensão aprofundada da etnociência. No entanto, os/as autores/as ressaltam haver uma valorização no plano teórico em detrimento de sua concretização prática, desvelando um desencontro entre proposição e aplicação.

Em suma, verificamos que há uma preocupação com a preservação e continuidade dos saberes tradicionais, que advém, particularmente, dos processos de modernização,

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

globalização e desinteresse das novas gerações por esses saberes. Neste cenário, ganham força propostas de documentação, sistematização e fortalecimento dos conhecimentos tradicionais, sendo muito associados ao processo de participação ativa das comunidades.

REFERÊNCIAS

ALVES, Douglas Junior de Souza. **Etnociência indígena e preservação da floresta:** aspectos culturais na perspectiva de egressos indígenas da Licenciatura Intercultural da Amazônia. 2022. 101f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Portal da Câmara dos Deputados, 2003a. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10639-9-janeiro-2003-493157-veto-13762-pl.html. Acesso em: 10 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, 2008a. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 10 fev. 2026.

CARDOSO, Yago Casimiro. **A etnomatemática dos pescadores artesanais da Ilha da Madeira – Itaguaí (RJ):** uma proposta de preservação da identidade cultural em uma escola municipal local. 2021. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2021.

CAVALCANTE, Rosemeiry da Silva Pinto. **A etnomatemática na culinária familiar:** (re)significando o conceito de fração a partir dos saberes populares em uma turma do ensino fundamental. 2023. 83f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

CHIZZOTTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 16, n. 2, p. 221–236, 2003. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

CIOLA, Lucas Blaud. **Léxico ilustrado pedagógico de plantas e animais Karitiana**. 2019. 238f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CORRÊA, Ivânia Neves. **Interseções de saberes nos céus Suruí**. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

COSTA, Calvim. **Os jogos africanos numa perspectiva etnomatemática como uma estratégia possível para uma educação escolar democrática e antirracista.** 2023. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2023.

CRUZ, Amarildo Rodrigues da. **Rezando, cantando e dançando:** na espetacularidade do estandarte da Irmandade de Carimbó de São Benedito em Santarém Novo - PA. 2021. 142f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

DIEGUES, Antonio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

FEITOSA, Andreia da Silva. **Etnociência nos ritos e cerimônias do Hetohokỹ**: da ciência à sapiência inỹ. 2021. 159f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2021.

FERREIRA, Marivânia Cavalcanti. **Ensino de Ciências e Educação Quilombola:** etnociência, saberes e práticas nos anos finais do Ensino Fundamental. 2019. 113f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

GAUDÊNCIO, Jéssica da Silva. **O saber indígena Kaingang:** historiografia, etnociência e educação científica. 2021. 280f. Tese (Doutorado em História das Ciências e Educação Científica) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2008.

KAMAYURA, Mauricio Mattar. **O tempo de fazer e o fazer do tempo do povo Kamayurá**. 2024. 84f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2024.

LOPES, João Carlos Raguzzoni. **Conhecimentos populares dos alunos como referência para o ensino de botânica no ensino médio**. 2018. 85f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

MENDES, Luana Dias. **O currículo de Ciências a partir dos saberes tradicionais dos estudantes da comunidade de Barra Nova – Ilha de Guriri - *ES.*** 2019. 127f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/630/63023334009.pdf. Acesso em: 15 abr. 2026.

Jan-Dez/2026, v1., n.9
e-ISSN: **2675-2956**
DOI: https://doi.org/10.65573/rescx.v1n9.0040

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.).; DESLANDES, Suely Ferreira.; GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Patrícia Silva de. **Imagens arqueológicas como possibilidade de ensino interdisciplinar:** o estudo de caso da Pedra do Ingá. 2022. 129f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2022.

PASSOS, Fernanda dos. **"Olha o meu binóculo! Eu só consigo ver com meu binóculo":** possibilidades de letramento científico na educação infantil em Rolim de Moura - RO. 2022. 117f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2022.

REIS, Natália de Paula. **Um olhar ecolinguístico para os saberes e as práticas de "raizeiros" da cidade de Nova Glória (GO).** 2019. 142f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SILVA, Vanusa Medeiros da. **O artesanato como instrumento no ensino de Ciências da Natureza no município de Rolim de Moura no Estado de Rondônia**. 2022. 111f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2022.

SOUZA, Millaany Felisberta de. **Diálogo entre ciências e cultura:** análise dos TCC da Faculdade Indígena Intercultural – UNEMAT. 2020. 145f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2020.

TREVIZAM, Claudemar José. **Educação dialógica e etnociência**: buscando pontes entre os saberes populares e o ensinar-e-aprender química. 2018. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2018.

TRINDADE, Creusa Barbosa dos Santos. **Formação de professores:** saberes pedagógicos e tradicionais da etnociência para os anos iniciais em escolas quilombolas. 2016. 214f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

TUPINAMBÁ, Marcineia Vieira de Almeida Santos; ALMEIDA, Luana Costa. A produção sobre educação escolar indígena em teses e dissertações no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 54, n.1, p. 1-16, 2024. Disponível em: https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/10855. Acesso em: 15 abr. 2026.

WIECZORKOWSKI, Juscinete Rosa Soares. **Estado da arte de produções acadêmicas de discentes indígenas na educação superior em Rondônia**. 2018. 134f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências da Natureza) – Universidade Federal de Rondônia, Rolim de Moura, 2018.

ZURRA, Raiziana Mary de Oliveira. **Aproximações das representações de ciências por estudantes da educação de jovens e adultos em comunidades rurais de Tefé-AM à etnociência.** 2017. 212f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.